

ou de geração, nomes de classes etárias, de castas, de classes profissionais, etc., e também rubricas que dizem respeito a uma série de fenômenos ligados à antropônimoia como idade de imposição do nome, iniciativa da escolha, natureza específica de alguns nomes (nomes de gêmeos, nomes temporários, nomes supersticiosos, etc.).

A “Análise minuciosa dos antropônimos recolhidos” (p. 117-414) constitui, a nosso ver, a parte mais importante da obra, onde são encontrados elementos da mais alta valia. Aí são estudados os nomes dos grupos islamizados e dos grupos animistas, os nomes mistos de vocábulos árabes, arabizados e nativos, os nomes buscados no hagiológico e no vocabulário onomástico europeu e crioulo, aqueles usados por cristãos nativos, os segundos nomes e nomes patronímicos, os nomes de guerra, etc.

As páginas finais do primeiro volume são dedicadas à utilidade do estudo da antroponímia do ponto de vista político-administrativo e sócio-cultural.

Todo o segundo volume é destinado a um índice deveras alentado e pormenorizado. Ali há listas de nomes próprios e de apelidos usados por fulas, mandingas, cassangas, manjacos, brames, nalus, balantas, papeis, etc. Seguem-se as dedicadas aos nomes crioulos e nomes portugueses usados pelos negros.

ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES

* *
*

SIEBS. Deutsche Aussprache. Reine und gemässigte Hochlautung mit Aussprachewörterbuch. Hrsg. von Helmut de Boor, Hugo Moser und Christian Winkler. 19. umgearbeitete Auflage. Berlin, Walter Gruyter & Co., 1969. 494 pgs.

Em 1898 uma equipe de lingüistas e de representantes do teatro, tendo à frente o germanista Theodor Siebs, publicava o primeiro dicionário de pronúncia da língua alemã. Seu título original, “Deutsche Bühnenaussprache”, correspondia exatamente ao âmbito inicial da obra. Baseados no levantamento da pronúncia então em voga nos palcos alemães, os autores se haviam proposto apresentar uma descrição sistemática da mesma, visando à uniformização da pronúncia teatral na Alemanha. Em 1922 acrescentou-se ao título a expressão “Deutsche Hochsprache”, consagrando a pronúncia do teatro como padrão para a língua culta.

Mas 1969 veio a lume a 19.^a edição, ampliada e reformulada. O título foi alterado: o termo “Hochsprache” foi substituído por “Hochlautung”, mais adequado à obra, já que “Hochsprache” designa não só a pronúncia mais cuidada, mas também os aspectos morfológicos, sintáticos e lexicais da língua.

A inovação que distingue esta edição das anteriores, é a inclusão da “gemässigte Hochlautung”, ou seja, do falar coloquial culto, cuja validade é assim constatada e reconhecida. Não lhe conferem, os editôres, um verdadeiro *status* lingüístico, muito embora atestem sua importância crescente e declarem que as realizações que lhe são características tenham adquirido fôro supra-regional.

Acima do coloquial culto encontra-se, para êles, o falar culto pròpriamente dito, a “reine Hochlautung”, que nada mais é do que a sistematização feita por Siebs há 70 anos. Os editôres, embora reconhecendo que falante algum, em qualquer circunstância, faz uso dêsse falar culto, conservam-no como uma norma ideal, como a expressão máxima da pronúncia alemã. Atribuíram-lhe mesmo uma função pedagógica, a de contribuir para a manutenção do coloquial culto num nível mais elevado, livre de interferências dialetais ou do coloquial distenso. Além disso, afirmam ser uma forma ainda válida para a representação dos clássicos alemães e para o canto erudito. Convenhamos que é um campo bastante limitado, considerando-se que nos teatros alemães são apresentadas peças dos mais diferentes níveis lingüísticos e das mais diversas épocas. A “reine Hochlautung” não é mais uma realidade lingüística. Não iríamos, portanto, tão longe como os editôres, ao afirmarem: “A honrosa tarefa que Th. Siebs atribuiu ao teatro, ao produzir sua “Bühnenaussprache”, de tornar-se o mestre da Alemanha, é hoje tão válida quanto há 70 anos”

Uma série de modificações foi feita no tocante à apresentação da obra. A parte teórica foi ampliada. Incluiu-se a descrição da base articulatória da língua alemã; definiram-se os conceitos de sílaba, fonema e alofone; o alfabeto fonético foi aumentado com símbolos para a transcrição de palavras estrangeiras. E’ inteiramente nôvo o capítulo “Das Phonemsystem der deutschen Hochlautung”, de autoria de G. Ungeheuer, que descreve o sistema fonológico do alemão culto. O capítulo sôbre a acentuação foi totalmente reelaborado e ampliado. A êle acrescentou-se um estudo sôbre a entoação. E’ de se lamentar, apenas, que todo êsse esforço tenha passado a existir isoladamente dentro do livro, uma vez que o restante da introdução é uma adaptação das antigas introduções. Inevitáveis, por conseguinte, certas contradições. Exemplifiquemos. À pg. 19, após uma classificação articulatória dos sons em “stimmhafte Laute” (vogais e soantes), “stimmlose Geräuschlaute” (oclusivas e fricativas surdas) e “stimmhafte Geräuschlaute” (oclusivas e fricativas sonoras), desenvolve-se a seguinte argumentação: “Esta classificação evita a divisão muito comum, mas não convincente, em vogais e consoantes. Uma divisão dêsse tipo parte da função dos sons na sílaba . . . Mas isso não teria — pelo menos para o alemão — muita consistência” À pg. 28, Ungeheuer parte exatamente dessa função silábica para classificar os sons em vogais e consoantes, conforme ocupem a posição de centro ou margem silábica.

Causa estranheza, também, a discrepância no tratamento dispensado às vogais. Ungeheuer, em sua análise fonológica, procede de acôrdo com os métodos da lingüística estrutural, provando a condição fonêmica dos sons vocálicos através de pares mínimos e da análise distribucional e agrupando-os conforme os traços dis-

tintivos relevantes e a semelhança fonética. Já da pg. 53 em diante, onde se pretende apresentar uma análise fonética desses mesmos sons, deparamos com a abordagem tradicional do Siebs, em que as vogais são apresentadas pela ordem alfabética (a — e — i — o — u — ö — ü), e não articulatória; os capítulos são encabeçados pelos grafemas (note-se que os dos ditongos e das consoantes já o são pelo símbolo fonético), englobando cada um vários fonemas (o *i*, por ex., agrupa o /i/ e o /I/); a preocupação principal é a discussão dos grafemas, para só depois serem mencionadas características do contexto fonético.

Quanto à terminologia, embora tenha sido corrigida em vários pontos, onde aspectos fonéticos eram confundidos com aspectos grafêmicos, ainda apresenta falhas. À pg. 53, por ex., afirma-se que o *a* é breve quando seguido de várias consoantes, inclusive de *consoantes duplas* (Doppelkonsonanz), como em “*schaffen*”, “*Kanne*” e “*lassen*”

São freqüentes as discrepâncias entre a transcrição fonética usada no dicionário e a indicada na introdução teórica. À pg. 86, por ex., admite-se a vocalização do /r/ em monossílabos em posição proclítica e enclítica, como em *der*, *mir*, *für* e *vor*. No dicionário só se registra essa forma para *der* ([dɛʀ] ao lado de [der]), enquanto que para *mir*, *für* e *vor* só aparece, ao lado da forma culta [mi:r], [fy:r] e [fo:r], a forma do coloquial culto com [ʁ] fricativo. À pg. 24 [ʀɛbɛ'ʎo:n] e ['da:lʎ] são transcritos com [ʎ] não-silábico, o qual não é registrado no dicionário para essas mesmas palavras.

Os descuidos de revisão são flagrantes; encontramos [zsUm] em lugar de [tsUm] e há até mesmo contradições, como no caso das palavras terminadas em —el, —em, —en. Sua realização com [ɪ], [ɪ̃] e [ɪ̃] silábicos é atribuída, em várias passagens do livro, ao coloquial culto. À pg. 19, porém, é classificada como ocorrência do coloquial informal.

Há ainda certas omissões que chamam a atenção, como a falta da descrição articulatória para as vogais e para algumas das consoantes, e a ausência total de gráficos para ilustrar a articulação dos sons.

No tocante ao dicionário, registram-se lacunas imperdoáveis. Se de um lado proliferam as palavras estrangeiras, de outro omite-se um sem-número de vocábulos alemães, dos mais usuais, ao que se acrescenta a falta arbitrária de muitas formas flexionadas da língua.

Não obstante as falhas que acabamos de enumerar e muitas outras que deixamos de citar, dada a exigüidade do espaço, é preciso reconhecer o mérito dos que trabalharam nessa reedição do Siebs, ao se empenharem em sua atualização.

RUTH MAYER

* *
*